

"Indústria", a recente obra de Mário Chamie, tem uma importância incomum na bibliografia atual brasileira. Não duvido que poderá, (e ~~deverá~~), ser analisada de muitos pontos de vista. Mas limitarei o presente artigo a duas problemáticas que o livro lança: uma formal e teórica, a outra prática, política e "engajada". Nada direi, por exemplo, sôbre o conteúdo do livro. Quem ainda não teve ocasião de lê-lo, terá, não obstante, uma idéia depois de lido este artigo. Uma das minhas metas é justamente provocar a curiosidade dos leitores.

O problema formal e teórico é este: O nosso pensamento discorre em dois níveis, o das palavras e o das sentenças. (Este fato caracteriza um determinado tipo de pensamento, o articulado por línguas flexionais.) Palavras têm significado, sentenças têm sentido. O problema de distinguir entre palavras e sentenças, (levantado em recente artigo neste suplemento por Maria Tereza C. Biderman), pode ser resolvido no nível semântico, embora talvez não o seja no nível da mera morfologia da língua. O significado das palavras, (aquilo que elas representam no jogo do pensamento), é, grosso modo, o conjunto das coisas pensáveis e das relações entre elas. O sentido das sentenças é o conjunto das situações nas quais as coisas pensáveis e suas relações pensáveis se situam. Esse conjunto pode ser chamado "o universo pensável". Esta duplicidade dos níveis do pensamento, (o do significado e o do sentido), permite uma dupla manipulação do mundo pensável. Se manipulo sentenças, (a "estrutura" do pensamento), crio ou aniquilo situações no mundo pensável. Se manipulo palavras, (o "repertório" de pensamento), crio ou aniquilo coisas e relações no mundo pensável. Esta é, com efeito, a função do poeta no jogo do pensamento: modificar o universo pensável manipulando palavras e sentenças. "Lavras palavras" e "tontar sentenças", se me fôr permitido contribuir para a terminologia da praxis.

Mas os dois níveis mencionados são apenas esquemas aproximados. A realidade do pensamento é mais complexa. Há níveis, inferiores ao da palavra, nos quais vegetam detritos de palavras e nos quais se formam embriões de palavras. Há níveis, inferiores ao da sentença, nos quais contextos de sentenças se coagulam em chavões e nos quais se formam super-sentenças. E há níveis, entre os da palavra e da sentença, nos quais detritos de sentenças decaem em conversafada e nos quais se formam sentenças nucleares. Essas meio-palavras, meio-sentenças, Chamie chama "ditos". (Nota: "Chamie chama" é um dito criado ad hoc e industrialmente.) E os ditos, (mais elegantemente conhecidos por "dic temas"), formam a matéria prima da praxis industrial do autor óra considerado.

Com um ouvido extremamente atento e apurado Chamie recolhe os ditos idioticos, (ou deve dizer "idiomáticos"?), que caracterizam os níveis entre palavra e sentença no pensamento altamente padronizado e estereotipado da cidade de São Paulo. Ao recolhê-los e expô-los numa espécie de "pop art", o autor consegue mostrar o quanto são estúpidos e feios. Ele próprio menciona o dito "ossos do e

VILÉM FLUSSER

fície" no posfácio do livro. Mas o dito "supermercado" na página 84 é ainda mais marcante. Uma análise atenta desse dito revelará toda uma série de aspectos do pensamento da massa industrializada. Por exemplo: revelará, no prefixo "super", a confusão desesperada entre quantidade e qualidade, a megalomania estúpida da atualidade, e a decadência do pensamento nietzscheano. O dito não tem sentido, (já que deixou de ser sentença), e não tem significado, (já que não é palavra, mas super_palavra). Mas tem espectros de sentido e significado. Faz parte da conversa mole que caracteriza os níveis escolhidos por Mário Chamie como matéria prima. E é justamente essa moleza de sentido e do significado que torna os ditos maleáveis.

Vejam, como exemplo, o resultado da praxis industrial com a matéria prima "supermercado" na página 84: "O supermercado preço, o supermercado negro, o negro mercado: branco, o preço mercado: banco, o selo do mercado preço, o ele paralelo negro" etc. Que está acontecendo neste jogo com ditos? Os ditos são arrancados, com violência, do seu contexto na conversa fiada, e põem-se a girar em torno dos seus eixos. Nessa rotação revelam faces insuspeitadas. Adquirem, como que por encanto, múltiplos significados. São transformados, de ditos, em palavras novas. Ou, para recorrermos a uma terminologia um tanto hermética, (embora menos hermética que a terminologia antiprática de praxis), são transformados de redundâncias em informações novas. E é este, em resumo, o método de autor no curso do livro: tomar elementos redundantes, cansados, estúpidos e feios, (os ditos), e transformá-los em elementos informativos, esplêndidos, inteligentes e belos. A leitura desses "textores" é pois uma experiência cheia de supresas. E a surpresa é a medida existencial da informação recebida. O método é potente. Rasga o próprio tecido do pensamento ao manipulá-lo. É um constante abrir de fendas no edifício de pensamento, porque elimina constantemente elementos redundantes. E simultaneamente acrescenta ao pensamento novos elementos, compostos dos detritos eliminados. Trata-se pois de uma reestruturação do universo pensável, por eliminação do gaste e introdução do novo. Trata-se de uma autêntica poesia.

O problema prático e político levantado pelo livro pode ser abordado da seguinte forma: Existe o dito: "subdesenvolvimento brasileiro". É característico de todo dito, (inclusive deste), que entorpece e paraliza o pensamento pela sua estupidez rígida, e pela redundância entrópica com a qual ocorre nos discursos. Esse dito age como catalisador para toda uma série de outros ditos, como "done" e "povo". Surge assim uma camada de pensamento rígida, estereotipada e gasta, que encobre com seus chavões esvaziados de significado e sentido toda uma dimensão do universo pensável, a saber a realidade social brasileira. Parte dessa realidade é a cidade de São Paulo, a qual, longe de ser "subdesenvolvida", é uma sociedade em estágio adiantado de massificação tecnicalizada. Esse fato pode ser constatado pela análise do pensamento que ocorre nela. O pensamento paulistano se articula, grandemente, em ditos, e isto é sintoma de tecnicalização, como por exemplo a novaierquina ou moscovita. Irônicamente, portanto, o próprio fato da ocorrência redundante do dito "subdesenvolvimento" em São Paulo prova

VILÉM ELUSSER
 que São Paulo é uma sociedade superdesenvolvida. Tão superdesenvolvida, com efeito, quanto o são os seus supermercados.

Pois Mário Chamie mergulha nessa massa amorfa de articulações sem sentido e significado, nessa espuma endurecida de falsidades, afim de fazer explodí-la e tornar novamente pensável o substrato por ela encoberto. Este é seu engajamento: remover os ditos, afim de desencobrir o terreno para sentenças com sentido e palavras com significado. Mostra como os ditos correm, qual saliva pegajosa, de boca em boca, imitando comunicações, mas na realidade destruindo toda possibilidade de uma troca autêntica de pensamentos. E mostra como, no estágio atual da massificação do pensamento, não é mais possível distinguir-se entre várias classes na sociedade. Tanto o "dono" quanto o "povo" caem vítimas da mesma cretinização progressiva. E mostra ainda que uma autêntica tomada de consciência é possível apenas depois de rasgado o véu da falsa comunicação que amalgama a sociedade em massa.

A tarefa que Mário Chamie se põe é muito difícil. Por duas razões distintas. A primeira é esta: O autor escreve para uma sociedade massificada, mas escreve para desmassificá-la. Em consequência deve necessariamente desprezar os canais de comunicação que desmascarou como falsos. Mas esses canais falsos são os únicos que a massa aceita. E Mário Chamie é, necessariamente, e pela própria meta que se impõe, um autor muito difícil para o homem massificado. O leitor precisa permitir que o livro penetre a crosta composta de ditos, que encobre o seu pensamento. E para poder permiti-lo, a crosta já deve ter tido uma fenda. A esperança é que muitos paulistanos ainda conservam fendas nas suas crostas. Ainda não foram inteiramente condicionados pelos ditos. E será por estas fendas que, com um pouco de sorte, Mário Chamie penetrará, afim de alterar e unir o verso do pensamento paulitano.

A segunda dificuldade é esta: A camada dos ditos serve de capa protetora contra a necessidade inconveniente de formular pensamentos autênticos, coisa sempre penosa. Os ditos pensam pela gente, e dispensam a gente dos osses do ofício que é o próprio pensamento. Com efeito, esta é a definição dos ditos: pensamentos dispensados. Pois Mário Chamie vem e quer reinstaurar o pensamento. Os ditos reagirão contra isto. Encobrirão o livro pela sua saliva. Óra para englobar o livro na massa amorfa dos ditos, óra para expulsá-lo dessa massa. Isto será chamado de "crítica positiva e negativa". Mas ambas as variedades terão o mesmo propósito: retransformar os pensamentos de Chamie em ditos. O livro terá por tarefa sobreviver a essas críticas, e mais especialmente à crítica positiva que procurará enquadrá-lo.

Estas considerações não esgotam a importância do livro. E não apontam o prazer intelectual e emocional que a sua leitura proporciona. São considerações apenas de um leitor que procura tomar a sério o pedido do autor que busca a cooperação dos leitores. E poderá haver uma tarefa mais empolgante que esta: cooperar na tentativa de provocar pensamentos?